



Orientação Vocacional: Teoria e Prática

Omundsen de Melo Costa Junio¹

Resumo: A Orientação Vocacional ainda assusta muitos profissionais, afinal lidar com a orientação ao futuro de outra pessoa é algo muito sério e ao mesmo tempo um grande desafio para o orientador. A teoria pode ser aprendida nos bancos acadêmicos, através de boas leituras, na troca de experiências, mas a prática ao se profissionalizar e decidir a orientação, daí a importância de uma reflexão acerca da Teoria e Prática da Orientação Vocacional em um trabalho sucinto e de fácil entendimento para os profissionais e interessados pelo tema.

Palavras chave: Orientador, vocação, atendimento, prática, consultório.

Vocational Orientation: Theory and Practice

Abstract: Vocational Guidance still scares many professionals, after all, dealing with another person's future orientation is something very serious and at the same time a great challenge for the supervisor. The theory can be learned in academic banks, through good readings, in the exchange of experiences, but the practice when professionalizing and deciding the orientation, hence the importance of a reflection about the Theory and Practice of Vocational Guidance in a succinct and easy understanding for professionals and people interested in the topic.

Keywords: Advisor, vocation, attendance, practice, office.

Introdução

Com o advento da Revolução Industrial, aonde a necessidade de tecnologia para a produção tornou-se imprescindível, à necessidade de profissionalização, também apareceu com mesma intensidade, e de lá até os dias de hoje, a especialização em todas as áreas estabeleceu-se como marco.

Nas sociedades produtivas, a profissionalização tem gerado um número muito grande de especialidades, provocando diversidade de opções, que chegam a se confundirem entre si, levando as pessoas a perderem a noção, no momento de escolher o que fazer, sobre o que estudar e no que trabalhar durante a vida.

¹ Especialista em Orientação Educacional (FERLAGOS/RJ), Coordenação Pedagógica e Projetos, Graduado em Pedagogia (FACIM/BA), História (FACIBA/BA) e Teologia (FACTEPE/BA) e (FTSA/PR), Coordenador Pedagógico (SEE/BA), omundsenmcj@hotmail.com.

Surge então a orientação vocacional, como um ramo científico, especializado em ajudar as pessoas a discernirem sobre a sua vocação frente às muitas opções que existem. Dessa forma a orientação tem como objetivo ajudar as pessoas a descobrirem as suas tendências e habilidades para uma ou mais atividades, através de um processo científico para exercer a melhor escolha profissional.

A Teoria: Dimensões vocacionais

Tendência, escolha e aptidão, são três dimensões básicas e a tendência é reconhecida pela facilidade com que uma pessoa desenvolve bem determinada função, mesmo que seja pela primeira vez e sem prática. É necessário que além de desenvolver bem a tarefa, o indivíduo sinta-se bem fazendo aquilo.

Outra perspectiva importante é lembrar, a priori, que, como diz Harold Gardner (in: ANTUNES, Celso, 2001) [...] “*a memória escreve no gen*” [...], portanto os genitores de um indivíduo, de algum modo transmitem sua cultura acumulada ao longo da existência, os seus conhecimentos e dos seus antepassados, e estes chegam, através da memória genética ao consciente e ao inconsciente gerando tendências.

No campo da mente, este conceito já foi muito erroneamente utilizado, pois no passado era compreendido como uma espécie de [...] “*dinastia de função*” [...] (PELLETI, 1977), ou seja, se o indivíduo viesse de uma família de sapateiros, por exemplo, deveria ser sapateiro, e assim por diante em todas as profissões. Hoje já se sabe que o fator hereditário não deve ser utilizado como definidor em uma vocação, pois aquele exercício profissional “herdado” pode não trazer a mesma felicidade a qual proporcionou às gerações passadas, mesmo que o indivíduo tenha uma “certa facilidade” na realização daquela tarefa. Esta alternativa não exclui a possibilidade de uma descendência, ter a mesma vocação e ser feliz exercendo a mesma função, mas o que se propõe é que o orientador observe com cuidado cada um desses casos.

O desafio para o orientador fica em criar condições que promovam o afloramento das tendências que o indivíduo possui – sejam herdadas ou não - para que ele mesmo também possa identificar o que realiza com mais felicidade. Neste caso vale a dica das três perguntas fundamentais para ajudar a discernir.

Primeira pergunta: O que você mais gosta de fazer? Por mais que pareça simples, este questionamento vai resgatar uma série de lembranças felizes que ora tenham ocorrido na vida da pessoa, trazendo à tona situações de extrema satisfação pessoal, que são elementos

indispensáveis para se situar. Esta pergunta também ajuda no resgate de memórias genéticas, que talvez não tenham sido acessadas anteriormente podendo revelar um novo aspecto funcional do discernimento.

Segunda pergunta: Dessas coisas que você já fez – ou faz – qual ou quais faria “até de graça”, ou seja, sem remuneração, por puro prazer de fazer? Por mais que pareça simples também, com este questionamento é possível reconhecer as situações de atividades que a pessoa realiza ou realizou sem pressão, culpa, estresse, etc. e que são desenvolvidas sem o apego material ou mesmo ganância. O termo “de graça” deve ser utilizado assim mesmo, fora do colóquio da língua, pois se trata de um linguajar simples, do cotidiano das pessoas e certamente facilitará para a pessoa a compreensão do que se quer.

Terceira pergunta: O que as pessoas mais gostam de ver você fazer? Por ser simples mais uma vez, arremata a compreensão muitas vezes de lembranças ocultadas por culpa, repressão, etc., e que projetadas numa terceira pessoa, pode resgatar as lembranças que ainda restam. Muitas vezes também, os outros percebem com mais facilidade as tendências que a pessoa mesma não consegue perceber. Em muitos casos as observações e elogios que as pessoas mais ligadas ao vocacionado fazem, são de fato assertivas a respeito da sua vocação, pois essas pessoas tiveram muitas vezes a oportunidade de presenciar ações de cunho vocacional em momentos muito peculiares que o orientador talvez não tenha condições de fazer, por isso considerar entrevistas com familiares e amigos para assessorar é uma boa opção.

Com essas três perguntas respondidas é possível o orientador começar a verificar quais as tendências mais relevantes e para quais, a vocação, se direciona. É importante que esses questionamentos sejam realizados mais de uma vez, pois têm informações que ficam bem distantes da memória, naqueles minutos da sessão de orientação e que mais tarde estarão disponíveis.

A escolha é a segunda dimensão vocacional, pois o ser humano tem capacidades múltiplas e pode com isso apresentar mais de uma vocação, portanto fazer uma boa escolha vocacional ajudará a desenvolver outras capacidades de habilidades que ao longo da vida tornarão o indivíduo mais realizado.

Não é novidade uma pessoa que realiza mais de uma função e se sente feliz realizando-as, isso é um atributo de todos, ou seja, todos os seres humanos podem exercer diversas funções e que nem sempre estão relacionadas parecendo muitas vezes, aos olhos do leigo uma “*doídice*” (in: LARIÚ, Nivaldo. 2000). Essas diversas capacidades surgem com o desenvolvimento correto das inteligências orientadas para as vocações individuais.

O ser humano é portador de um potencial de inteligências múltiplas e capaz de realizar com sucesso tarefas diversificadas, sendo necessário, então, que este escolha o caminho mais adequado para iniciar, pois as suas capacidades o permitirão atuar nas diversas áreas profissionais. Esta é a principal corrente que fundamenta a orientação profissional, neste campo é possível coletar conhecimentos importantes para a orientação vocacional em geral.

As implicações de escolhas vocacionais errôneas trazem consigo consequências muito graves, como frustrações e depressões dos mais diversos graus, por isso a orientação vocacional deve ser assertiva, nesse sentido.

A aptidão é a terceira dimensão e compõe o mesmo grupo da oportunidade de demonstrar capacidades. Muitas vezes esse recurso é utilizado como etapa determinante no início de uma atividade. A exemplo, podemos perceber nas faculdades de música, que após os exames escritos, o candidato é submetido a um teste de aptidão, com o objetivo de verificar a sua “vocação” para aquela atividade. Geralmente esta etapa é localizada no final do processo devido a seu caráter próprio de prática, que somado aos resultados teóricos obtidos até ali, tornam-se suficientes para se confirmar   “vocação”.

Em outros setores profissionais também   possível encontrar o teste de aptidão como o definidor, por isso cabe ao orientador também a tarefa de preparar o vocacionado para esta etapa, ou seja, se ele puder observar o vocacionado em um estágio ou simulação, certamente terá um parâmetro bem maior para avaliar o desempenho e confirmar a aptidão.

Os recursos de estágios são os mais indicados como teste de aptidão, pois nada melhor do que o próprio ambiente da prática para se testar uma vocação. A importância ambiental de um estágio proporciona uma série de bons elementos para o discernimento, como por exemplo, a rotina, os colegas, o contato objetivo e subjetivo com a realidade, a troca de experiências com os profissionais na ativa, etc.

O conhecimento das dimensões vocacionais por parte do orientador d -se nas suas possibilidades de oferecer suporte teórico para a sua prática, uma vez que do outro lado da mesa, está também um ser humano, com múltiplas inteligências e capacidades, que no momento não tem direção certa, proporcionando uma angústia diante dos desafios de uma escolha que muitas vezes   difícil de fazer.

Cabe ao orientador, não apenas focalizar as possibilidades profissionais, mais também as opções não profissionais, ligadas principalmente à solidariedade, ao próximo, que são muito mais importantes do que a relação de opções do CBO – código brasileiro de ocupações, afinal a sociabilidade é uma vocação humana, apesar de estar consciente em poucos.

Etapas: Crianças, pré-adolescentes, adolescentes.

A orientação vocacional, ao contrário do que se imaginava no passado, pode e deve ser iniciada na infância, uma vez que as aptidões e habilidades começam a se desenvolver neste período.

O processo de orientação vocacional de uma criança segue critérios particulares, visto que o futuro depende da vontade individual e das determinações do ambiente. As etapas de discernimento devem acompanhar basicamente o estágio de desenvolvimento motor, pois esse é o indicativo da vocação na fase infantil e a base de trabalho do orientador deve iniciar com a observação dos estágios de desenvolvimentos apontados por Piaget, por exemplo, para identificar a normalidade no desenvolvimento.

A orientação vocacional para crianças não deve visualizar um planejamento profissional determinista, pois durante a juventude e a idade adulta, o processo natural da vida pode apresentar e despertar novas oportunidades e caminhos que talvez não estivesse previstos no plano do orientador, portanto é fundamental deixar sempre uma porta aberta, ou seja, a possibilidade de o próprio indivíduo escolher o seu destino, mesmo que não aparente ser o mais conveniente. Essa hipótese não exclui a importância de uma orientação desde a infância cumprir o importante papel de conscientização do indivíduo das suas capacidades e habilidades, as quais poderão ajudar nos momentos importantes de tomadas de decisão.

Os testes vocacionais recomendados para crianças devem seguir, como já dito anteriormente, um padrão diferenciado dos utilizados para as outras fases, ou seja, deve ser dada prioridade ao lúdico que é a via natural da criança demonstrar as suas vontades, desejos, qualidades, aptidões, habilidades e necessidades. Para isso é necessário que o consultório, ou mesmo a sala do orientador, conte com brinquedos das mais diversas finalidades, assim como espaço para expressão pessoal.

No processo de orientação infantil, a anamnese é também um ponto peculiar, devendo priorizar a empatia entre a criança atendida e o orientador, pois através de uma boa aliança é se começa um bom processo de discernimento, pois nos primeiros contatos, a criança já deve se identificar com seu orientador, deve ter vontade de estar com ele. Feita esta aliança, pode-se dar início ao discernimento, porque a confiança e a empatia permitirão ao orientador entrar na individualidade do vocacionado com intimidade para verificar o que for necessário.

As falsas vocações são aquelas geradas pela tomada de atitudes em momentos isolados, permitindo-se ser identificadas pelas próprias contradições por ela gerada, ou seja, numa semana deseja-se ser um “físico nuclear” e na semana seguinte um “médico veterinário”,

repetindo-se frequentemente. Esse é o momento ideal para se verificar quais são as falsas vocações geradas por esses fatores passageiros, como o desejo de ser “físico nuclear”, devido a ter assistido um filme de ficção científica ou mesmo, o de ser “veterinário”, por ter feito um passeio ao jardim zoológico e ter se encantado pelos animais. Em ambos os casos, configura-se “falsa vocação”, pela variação entre duas áreas extremas, em momentos muito próximos e com repetição da mudança na semana seguinte, onde se pode desejar ser um “antropólogo”, por exemplo.

A variação vocacional na fase infantil encontra-se enraizadas nas mudanças comportamentais do período, por isso é importante ao orientador estar atento a elas e procurar traçar uma linha de intersecção entre as opções apresentadas para encontrar o núcleo comum que certamente existe.

Para facilitar o trabalho do orientador é recomendável que se considere todas as referências feitas pelo vocacionado e que se elimine uma a uma as que sejam contradições, ou seja, aquelas opções que aparecem isoladas sem contexto, ou fundamentadas em circunstâncias momentâneas. Dessa forma tanto orientador como vocacionado, vão conseguir refinar o excesso de informações, ficando somente com as mais pertinentes direcionadas para a vocação. Outro cuidado que o orientador deve ter com o pré-adolescente é o de refletir com ele sobre os fundamentos de cada profissão ou atividade que ele indique, para que ele tenha uma visão ampla da realidade profissional daquela área, pois muitas vezes o que a mídia divulga e ele tem acesso, não corresponde à realidade do que seja o trabalho. Cabe também verificar de onde provém aquela indagação, se a profissão que despertou o desejo foi observada num filme, por exemplo, ou numa entrevista publicitária, pois a origem muitas vezes traz informações subliminares falsas.

De posse desses elementos certamente o orientador poderá traçar uma linha de trabalho mais assertiva, afinal o vocacionado pré-adolescente terá normalmente um tempo maior de amadurecer as suas vocações, pois o seu ingresso no mercado de trabalho formal ainda está um pouco distante, fator que assegura ao orientador uma condição de trabalhar com mais condições de tempo às duvidadas e ansiedades profissionais do vocacionado.

A conversa com os pais de um pré-adolescente, também é outro ponto importante no trabalho de discernimento, pois normalmente eles tendem a orientar seus filhos desde criança, seja falando mal de uma formação ou mesmo supervalorizando outras, formando mesmo que no plano inconsciente dos seus filhos pré-conceitos que podem ser mortais para a sua vocação. Portanto cabe ao orientador alertar os pais que esse trabalho de discernimento não cabe a eles e sim ao orientador, senão todo o seu trabalho pode estar comprometido.

Para orientar os pais e conseguir que eles interfiram no processo de discernimento o menos possível, não será uma tarefa fácil, principalmente se eles não tiverem um nível de compreensão que favoreça e caso isso aconteça, o orientador deverá manter a postura e deixar claro a função de cada um no processo e os riscos de prejudicar todo o trabalho orientação em caso de interferência.

A atividade de discernimento no adolescente deve seguir um padrão diferenciado, pois apesar de ele psiquicamente não estar em condições de tomar as grandes atitudes, principalmente as de longo prazo, terá que fazer escolhas, muitas vezes irreversíveis do ponto de vista profissional.

A busca por trabalho vocacional para o adolescente tem maior incidência no período em que estes estão cursando o ensino médio, pois é o momento em que a maior parte dos empregadores oferece as vagas e as oportunidades de trabalho. Nesse período o jovem também já se sente pressionado, mesmo que inconsciente, pela família, pois já aparenta ser um adulto capaz de sobreviver sozinho.

Dois modelos de adolescentes são especialmente interessantes, pois correspondem a universos culturais diferentes e trazem importantes elementos para discernimento, visto que o fator cultural é determinante neste processo.

O primeiro modelo adolescente corresponde ao jovem, de classe de baixa renda, que tem poucas oportunidades de trabalho e individualmente não tem muito a oferecer no mercado profissional. Esse jovem necessita de um trabalho de discernimento, aliado a uma motivação que ao mesmo tempo dê esperança ser alguém na vida e de ter sucesso naquilo que escolheu.

O fator da autoestima é o aspecto intrínseco mais importante no processo de discernimento de adolescentes de classes desfavorecidas socialmente, pois as suas condições para se preparar são bastante reduzidas, quando não extintas, gerando um grau de dificuldade muito maior, principalmente na concorrência pelo mercado de trabalho com os adolescentes de outras classes.

Os fatores de desvantagem na preparação para o mercado de trabalho, entre os adolescentes de baixa renda e os classe média e alta são inúmeros, mas vamos eleger o econômico, para demonstrar onde o orientador deve prestar atenção especial. Segundo o SINE (Sistema Nacional de Empregos – agência responsável pela seleção de candidatos a vagas em todo país), dois são os pontos fundamentais onde se dividem aqueles que desejam entrar no mercado de trabalho e aqueles que conseguem entrar.

O primeiro fator de peso na aquisição da vaga, principalmente para os menores (entre 15 e 18 anos de idade), que objetivamente buscam um estágio remunerado ou algo semelhante

é por exemplo, conhecer informática básica, saber ao menos operar um microcomputador nos programas operacionais, de texto e planilhas, o que requer ao candidato ao menos ter cursado um curso básico em informática.

O segundo fator é estar cursando o ensino médio, ter frequência, boas notas, enfim um rendimento médio bom. Ambos os pontos, dificilmente o adolescente de classe de baixa renda vai preencher com mesmo sucesso de um adolescente de classe médio-alta, pois as condições econômicas da maioria dos nossos adolescentes não o permitem sequer assistir aulas em curso de informática, mesmo que modesto. Já o segundo fator, também é desigual, pois a distorção série-idade, evasão e repetência nas escolas públicas ainda são altas e isso atinge principalmente aqueles que mais necessitam dela.

Analisados estes dois aspectos, o orientador deve estar muito atento ao ajudar um jovem a se preparar emocionalmente para enfrentar com coragem este desafio que muitas vezes é cruel e pode apagar uma vocação. Portanto além de colaborar no processo de discernimento, para que o adolescente ao fazer a sua primeira experiência faça de forma agradável e consciente, o orientador deve proporcionar um preparo emocional profundo para com o seu vocacionado.

No processo de orientação de um adolescente, é fundamental que o orientador tenha em vista que a primeira experiência é sempre um sonho maior e se ele consegue que o seu vocacionado realize esse sonho com sucesso, fazendo a coisa certa, certamente ele terá garantido a colocação de um excelente profissional no mercado de trabalho.

Prática da Orientação Vocacional

No que diz respeito à prática da orientação vocacional surgem muitas dúvidas e diante dessa necessidade é que faz oportuno ao profissional, buscar esse conhecimento por outras vias para o seu preparo profissional. Atuar em consultório é muitas vezes assustador, principalmente para o profissional recém-formado, pois implica em uma série de procedimentos. Vejamos passo a passo, cada um desses procedimentos a serem adotados na prática da orientação.

Como prevê o CBO (Código Brasileiro de Ocupações), o pedagogo especialista em orientação educacional, pode atuar nos turnos diurnos e noturnos em lugares abertos – auditórios ou lugares fechados – consultórios por exemplo. Portanto, é possível saber que existe aí a garantia de o profissional da orientação poder atuar na escola, caso haja um espaço

específico para isso, ou em ambiente próprio, fora da escola, para tal finalidade, e o cuidado com a formação permanente, através de grupos de estudo, troca de experiência com colegas, estudo individual, etc. já deve passar a ser cotidiana do profissional, pois os desafios a serem vencidos irão exigir com o tempo um bom preparo intelectual, assim como um bom preparo físico na atenção especial a saúde, verificando sempre colesterol, pressão arterial, diabetes, etc., porque a carga de estresse após um longo dia de atendimento provoca um desgaste orgânico considerável.

Individualmente, procurar fazer análise individual, com um bom profissional vai ajudar a evitar problemas como transferências, projeções, catarses inesperadas, etc.; pois o material psíquico manipulado em uma seção de orientação movimenta todo aparelho psíquico tanto do orientador como do vocacionado e para sua segurança é de bom tom ele esteja com o emocional equilibrado. Fazendo isso, certamente a mente trabalhará com mais agilidade e os resultados serão muito mais eficientes no final do trabalho.

Diariamente praticar meditação, concentração ou qualquer tipo de relaxamento, fará muito bem a intuição, pois esse mecanismo é fundamental no momento de relacionar informações, eliminar possibilidades, criar alternativas, enfim elevar o nível da habilidade cognitiva do orientador.

O Consultório, diferente de uma sala de orientação na escola, tem algumas particularidades as quais devem ser cumpridas, como estar devidamente legalizado, ou seja, ter alvará de funcionamento e credenciamento do profissional registrado nos órgãos competentes, pois se trata de um ambiente particular e comercial e como tal deve pagar seus impostos e taxas como qualquer outro estabelecimento de mesma finalidade.

Parecendo assustador à primeira vista, montar um consultório não é tão complicado, desde que se tenha boa vontade de fazer todo processo necessário, o qual implica em consultar primeiramente um contador, pois ele é o profissional mais indicado para cuidar da parte burocrática empresarial, dando assim as devidas orientações de como deve transcorrer com todos os procedimentos. Feito isso é hora de montar a parte física do consultório, que tem também as suas particularidades a serem atendidas.

O Ambiente físico deve ser agradável, ter uma localização onde as pessoas possam chegar e ter um espaço interno com pelo menos dois ambientes, sendo um para recepção dos clientes e outro para o atendimento individualizado, que deve contar com um mobiliário também adequado a sua finalidade e então o visual, principalmente da sala de atendimento, que deve contar com cores leves que não cansem os sentidos d quem ali está.

Na recepção, caso haja secretário (a) este (a) deve ser orientado a manter sempre sigilo nas questões relacionadas a seus clientes, visto que a ética profissional tem que se sobrepôr em todo processo, que começa do primeiro contato com o cliente até o final do trabalho de orientação. No caso de atendimento acontecer na própria escola, por tratar-se de um ambiente público, os procedimentos contábeis são dispensados, visto que a prestação de serviço neste caso passa ser pública de responsabilidade da instituição que oferece o serviço.

A Consulta, em ambos os casos, tanto no atendimento particular como público devem seguir o mesmo procedimento, como definir com antecedência data e horário do atendimento, duração da sessão de no máximo 40 minutos e atendimento individualizado, pois no trabalho de orientação vocacional somente é procedido ao atendimento, com um vocacionado por vez. Caso seja uma entrevista com familiares ou responsáveis, pode-se proceder ao atendimento com mais de uma pessoa por vez.

O contato com o vocacionado deve ser procedido com ética, afinal essa é a primeira característica que constitui um bom profissional. A primeira recepção ao vocacionado deve proceder de forma agradável com um tratamento o mais profissional possível, ou seja, nem tão festivo, como se a pessoa estivesse fazendo aniversário, por exemplo, e nem tão frio como, por exemplo, uma audiência de Julgamento.

Esclarecer o cliente de como será o trabalho é o primeiro passo a ser tomado, afinal ele deve saber como serão as sessões. Neste caso a empatia deve se desenvolver, porque sem ela não haverá a interação necessária para que se proceda ao processo de discernimento.

No caso de haver antipatia tanto por parte do orientador como do cliente é indicado que se transfira o mesmo para outro profissional realizar o trabalho, pois sem confiança de ambas as partes o trabalho não se desenvolverá com sucesso.

A anamnese começa antes das perguntas formais, ela dá-se a princípio na observação pessoal do cliente, onde devem ser verificados todos os movimentos corporais da pessoa, afinal como diz Pierre Weill: “o corpo fala”, e muitas informações podem ser coletadas através da observação corporal do outro. A escuta é outra habilidade a ser valorizada principalmente nesse primeiro contato, porque muitas das perguntas formais do questionário de avaliação podem ser respondidas antes mesmas de serem feitas, principalmente se o vocacionado for uma pessoa expressiva.

O vocabulário deve ser adaptado à faixa etária do vocacionado, afinal a linguagem infantil é diferente da usada com pré-adolescente e diferente também utilizado com um

adolescente e um adulto, por isso a habilidade de adaptação do vocabulário deve ser muito treinada para que seja eficiente e o outro possa entender o que se quer dizer.

As anotações realizadas pelo orientador no momento da sessão não necessariamente devem ser ordenadas na sequência do questionário padrão, existe a possibilidade momentânea de se adiantar ou omitir perguntas sequentes se necessário for para não interromper uma sequência de pensamento que a pessoa procedeu principalmente se tratar de alguém uma maior dificuldade de se expressar, seja por questões pessoais ou pela timidez de estar num primeiro atendimento, pois haverá outras sessões e certamente nelas o vocacionado vai se expressar melhor.

Os Instrumentos de trabalho de um orientador são basicamente a ficha de informações pessoais, onde devem constar os dados pessoais do cliente, como nome completo, idade, endereço, enfim o que necessário for, os questionários de avaliação e testes vocacionais, caneta, lápis e borracha. Quando a sessão envolver crianças, os brinquedos lúdicos específicos de orientação devem estar presentes, afinal elas demonstram muito mais os desejos e vontades brincando. Música para relaxamento, somente no caso específico do cliente estar em estado de estresse muito elevado, deve ser utilizada até que ele se acalme.

Os Testes Vocacionais: Preparação do orientador, entrevista, testes

A necessidade de preparação intelectual do orientador vocacional deve ser constante, onde a sua formação deve ocorrer de forma permanente, pois os desafios práticos são a cada vez maiores exigindo melhor preparo do profissional. Grupo de estudo, troca de experiência com colegas, estudo individual, devem ser práticas constantes no cotidiano do profissional desta área.

O preparo físico, observando-se sempre os níveis de colesterol, pressão arterial, diabetes, é também recomendável, uma vez que manter a alimentação diária balanceada, ajuda no desempenho mental, que deve estar muito bem cuidado, seja através de exercícios de meditação, concentração, intuição, ou qualquer outra atividade que mantenha a mente disposta. Mantendo uma boa saúde física e mental, certamente o desempenho profissional terá mais sucesso, pois a ideia de que somente trabalhos de grandes esforços físicos cansam, já é ultrapassada. Por isso manter a saúde física e mental faz-se uma obrigação para o orientador.

A entrevista com o vocacionado deve acontecer de forma individualizada, uma vez que o público geralmente inibe a pessoa a responder algumas questões de fórum mais pessoal.

Portanto manter o sigilo faz-se uma obrigação ética durante todo o trabalho, principalmente em questões polêmicas que perpassarão o decorrer do trabalho.

Seguindo as observações e analisando com cuidado as respostas dadas pelo vocacionado, o orientador passa a ter um excelente ponto de partida do que se desenha aquela vocação, podendo daí em diante, acompanhar os testes vocacionais a serem realizados no processo de discernimento com mais objetividade. Lembrando que existem muitos modelos de testes disponíveis e o orientador deve procurar seguir o mais assertivo.

Conclusões

A orientação vocacional é importante para o sujeito se descobrir em suas habilidades e interesses, pois a vida nem sempre define as coisas que nos fazem felizes. Por muitas vezes, já com a idade avançada e que as pessoas se dão conta do quanto faz diferença na vida ter escolhido um caminho para seguir e nem sempre é possível voltar atrás para refazê-lo novamente.

Quando podemos fazer as escolhas certas no tempo certo, certamente a felicidade ao olhar para trás e ver que tudo saiu como deveria ter sido é perceber quanto valor tem a orientação correta no tempo certo e isso hoje já é possível de forma prática e com resultados garantidos através da orientação vocacional feita na escola, onde se começa a dar os primeiros passos rumo a preparação para a vida.

Neste trabalho, através do seu estudo, pesquisa e aplicação, ficou claro o quanto a orientação vocacional pode fazer a diferença na vida presente e futura das pessoas, ajudando a escolher os melhores caminhos, dentre os muitos que a vida proporciona ao longo do seu curso. É válido todo investimento feito em orientação vocacional, pois o aluno quando descobre as suas melhores habilidades e interesses, começa a mudar a sua vida, dando um novo sentido a sua existência na família e na escola, passando cada vez a interessar-se pelo conhecimento.

Referências

ANTUNES, Celso. **A Memória**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

_____. **Como Desenvolver Conteúdos Explorando Inteligências Múltiplas**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

_____. **Como Identificar em Você e Seus Alunos Inteligências Múltiplas**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

_____. **Como Transformar Informações em Conhecimento**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BOTTOSLARISKY, R. **Orientação vocacional e estratégia clínica**. São Paulo: Cortez Editora, 1977

BUARQUE, Aurélio de Holanda Ferreira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

GIAGAGLIA, L. e PENTEADO, W. **Educação para a escolha profissional**. São Paulo: Atlas, 1978.

GUIA DAS PROFISSÕES: ORIENTAÇÃO VOCACIONAL. São Paulo: Editora Meca.

LARIÚ, Nivlado. **Dicionário Bainês**. 2000.

VÍTOR. **Teste Vocacional**. São Paulo, 2000 – 2002. Disponível em: <<http://www.portaldoestudante.com.br>>. Acesso em: 16 jan. 2005.

MELO, Omundsen. **Aplicando Piaget na Sala de Aula**. Jornal Diário de Ilhéus, Ilhéus, 13/03/2004. Pág 02.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Código Brasileiro de Ocupações**. DF: Brasília, 2002.

NASCIMENTO. Dinalva Melo do. **Metodologia do Trabalho Científico: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2002.

PELETTI, D. e outros. **Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal**. Petrópolis: Vozes, 1977.

TESTE VOCACIONAL. **Orientação Vocacional**. São Paulo, 2004. Disponível em: <[http://www.teste % 20 vocacional % 20 %20 caiu % 20^A % 20 ficha.htm](http://www.teste%20vocacional%20caiu%20a%20ficha.htm)>. Acesso em: 21 jan. 2005.

WEILL, Pierre & ROLAND, Tompakow. **O corpo fala**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, ed 52. 2001.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

COSTA JUNIO, Omundsen de Melo. Orientação Vocacional: Teoria e Prática. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 643-655. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 21/12/2019;

Aceito: 30/04/2020